UM OLHAR FEMINISTA AO ROMANCE "O GRANDE GATSBY" (1925), DE F. SCOTT FITZGERALD

Rodiléia França Nogueira Rodrigues[1](Graduanda, UFAM- IEAA)
Elis Regina Fernandes Alves[2] (Orientadora, UFAM-IEAA-)

Resumo. A análise deste artigo está voltada para o feminismo no romance "O Grande Gatsby" de F. Scott Fitzgerald, com enfoque voltado às personagens femininas Daisy, Myrtle e Jordan, com o objetivo de verificar o posicionamento da figura feminina e como ela é representada na obra. Utiliza-se a teoria literária feminista, que analisa como a mulher atua como escritora e/ou como personagem. O trabalho tem caráter bibliográfico, com base em autores como Alves e Pitanguy (1985), Michel (1982), Bonnici (2007), Zolin (2003 a e b), entre outros. Conclui-se que as personagens analisadas, embora apresentem certos padrões de submissão, buscam a felicidade através de suas próprias ações. Daisy e Myrtle, porém, dependem do sexo masculino para atingir seus objetivos e o próprio sustento, enquanto Jordan mostra-se mais independente e à frente de seu tempo, pois prioriza a carreira e não o envolvimento amoroso.

Palavras chave: feminismo literário, figura feminina, "O grande Gatsby".

Abstract. The analysis of this article is a look toward the feminism in the novel "Th great Gatsby, by F. Scott Fitzgerald, focusing on the female characters Daisy, Myrtle and Jordan, in order to verify how female characters are positioned and presented in this work. We used the Feminist literary theory, which analyses how women act as writers and/or as characters. This is a bibliographical work, based on authors such as Alves and Pitanguy (1985), Michel (1982), Bonnici (2007), Zolin (2003 a and b), among others. We conclude that although the characters analyzed present certain patterns of submission, they seek for happiness through their own actions. Daisy and Myrtle, however, depend on the male to achieve their goals and to support themselves, while Jordan seems to be more independent and ahead of her time, because she prioritizes her career and not the romantic involvement.

Keywords: literary feminism, female figure, "The Great Gatsby".

INTRODUÇÃO

O feminismo literário é uma importante ferramenta para o conhecimento dos papéis da mulher nas obras literárias, tanto no papel ficcional como personagem quanto como escritora, fazendo emergir uma tradição literária que era, em grande parte, ignorada pela história da literatura até início do século XX. Com o avanço e a sistematização do feminismo literário como teoria é que os papéis femininos começaram a ser vistos e revistos.

---

[1] Graduanda em Letras- Língua Inglesa e Portuguesa pela UFAM- Universidade Federal do Amazonas- IEAA.
[2] Professora orientadora do TCC

Neste sentido é que importa a análise de obras canônicas e modernas, na tentativa de visualizar o modo como as mulheres escreviam e eram retratadas, entendendo a evolução dos papéis femininos na literatura. Assim, o que este trabalho vem propor é a analise da representação da mulher na literatura enfocada no romance "O Gande Gatsby" de F. Scott Fitzgerald, publicado em 1925 e considerado o grande romance norte americano.

A obra em questão pode ser analisada de forma a contribuir para o melhor entendimento e importância da figura da mulher e sua realidade na sociedade da época. O objetivo geral é verificar o posicionamento da figura feminina, ou seja, verificar como ela é representada na obra, enfocando as três personagens femininas do romance, a saber: Daisy, Myrtle e Jordan em suas relações familiares, amorosas e sociais.

Este trabalho terá caráter bibliográfico qualitativo, com o levantamento teórico sobre o feminismo de modo geral, com foco no feminismo literário e coleta de trechos do romance para verificar como a mulher é enfocada na obra. Para tanto, serão utilizados autores tais quais: Bonnici (2007), Zolin (2003), Alve se Pitanguy (1985), Michel (1982), dentre outros.

1. O feminismo

O feminismo é um movimento que buscou a melhoria da qualidade de vida da mulher em sociedade, visando levar a mulher a um papel de igualdade diante do homem. Segundo Alves e Pitanguy (1985), a mulher na Grécia era tratada semelhantemente a um escravo, pois sua tarefa era equivalente, na medida em que suas tarefas eram serviços braçais e somente o homem era considerado um ser livre. Enquanto o homem, historicamente, sempre pode executar funções intelectuais, à mulher este direito era negado. São estas diferenças que os movimentos feministas, em seus diversos aspectos, buscaram reverter, pois entendia-se que a mulher, tanto quanto o homem, possuía intelectualidade e era capaz de executar as mesmas tarefas que o sexo masculino.

O feminismo vai lutar por melhorias para a mulher na sociedade, pois apesar de a mulher ter um papel primordial na sociedade ela era vista somente como reprodutora, como vemos:

> Tendo como função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, aumentava e criava os filhos, como produzia tudo àquilo que era ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. Exercia também trabalhos pesados como a extração de minerais e o trabalho agrícola. (ALVES e PITANGUY, 1985, p11.)

Vemos que à mulher competia procriar e realizar trabalhos braçais, sendo, assim, limitada e desvalorizada em suas potencialidades. Mesmo nas questões religiosas, a mulher não podia participar como o homem e estudar foi-lhe quase sempre proibido. A escola, para a mulher, consistia em aprendizado sobre tarefas domésticas, administração do lar, bordados, música, canto, boas maneiras. (MICHEL, 1982).

Nos séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento industrial e problemas na economia mundial, as mulheres começaram a inserir-se no campo de trabalho antes considerado apenas masculino, as indústrias. Isto se constitui um avanço para a mulher que, até então, ficava confinada ao lar e aos cuidados dos filhos ou trabalhavam apenas no campo. Porém, eram empregadas apenas nos trabalhos mais mal pagos. (ALVES e PITANGUY, 1985).

Com o passar do tempo, as lutas por mudanças começam e as mulheres iniciam os chamados movimentos feministas, porém muito timidamente. Tais movimentos só se consolidam após o século XX, quando os movimentos feministas se propuseram a elevar a mulher à condição de eleitora, buscando por direitos iguais no campo político. No século XVII, esse direito era somente do sexo masculino, mas já havia mulheres na França que participavam ativamente ao lado do homem do processo revolucionário em busca das conquistas políticas estenderem-se ao seu sexo. (MICHEL, 1982). Após isso, as mulheres puderam participar mais ativamente na sociedade, tornando-se seres opinativos, tendo direito a trabalhar e estudar, começando a libertar-se sexualmente das amarras impostas pela sociedade patriarcal a seu sexo. Uma das formas que a mulher encontrou para descrever, denunciar e criticar a opressão masculina sobre o sexo feminino foi através da escrita, mostrando personagens femininas que, cada vez mais, são ativas na sociedade em que atuam. Vejamos agora como se deu o movimento feminista na literatura.

2- **O Feminismo literário**

O feminismo literário é a culminância da necessidade de reconhecimento do papel da mulher nas obras literárias, seja em sua representação ficcional como

personagem ou em sua ascensão como escritora. Foi nos anos 70 que houve a real sistematização do movimento literário feminista, fazendo emergir uma tradição literária que era, em grande parte, ignorada pela história da literatura.

Até muito recentemente, a mulher não era bem aceita historicamente, ou seja, não era vista como sujeito da produção literária ou das produções críticas. Mas, segundo Zolin (2003a), desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas de estudos. Mas oficialmente o feminismo foi sistematizado como movimento literário em 1970, quando foi publicada, nos Estados Unidos, a tese de doutorado de Kate Millet, que teve por título *Sexual Politics*, onde ela procura questionar a prática acadêmica patriarcal. Com essa tese ela consegue despertar mudanças no campo intelectual e cria novas expectativas em relação ao papel da mulher na literatura e em outros campos do saber. Para Zolin: "[...] a obra suplanta o aspecto puramente literário e, com uma aguçada consciência política, traz à tona discussões acerca da posição ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias." (2003a, p. 169).

A mulher, ainda excluída do mundo da escrita, não produzia obras consideradas valorosas, pois sua escrita não obedecia à regra do cânone literário, que previa a escrita feita por homens, brancos, ocidentais, de classe média. Vejamos o que afirma Lobo:

> Ser outro, o excluso, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no "sério" mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo do mundo da escrita- só podendo introduzir seu nome na história européia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (1999, p. 5, apud ZOLIN, 2003b, p. 254).

Podemos ver, nesta citação, que a mulher era inferiorizada, não era aceita no mundo acadêmico e literário, era excluída sem nenhuma esperança de encontrar caminhos que a levassem a mostrar sua capacidade de desempenho como escritora. Mas com muitas dificuldades elas conseguiram introduzir seu nome na história européia, uma vitoria que causou grande impacto para a cultura patriarcal.

Historicamente, é preciso entender a evolução do pensamento feminista na literatura, ao que os críticos chamam de "onda" (BONNICI, 2007). A primeira onda feminista surge abrangendo o ativismo literário, cultural e político a partir do século

XVIII e chega até a luta pelo direito de voto feminino nas primeiras décadas do século XX. Foi durante a primeira onda do feminismo que muitas mulheres se tornarem escritoras, profissão que era somente privilégio do sexo masculino. Mas para isso muitas tiveram que se valer de pseudônimos masculinos, como é o caso, por exemplo, de George Eliot, pseudônimo da inglesa Mary Ann Evans, e das irmãs Brontë, entre outras escritoras que para conseguir ter o reconhecimento de suas obras literárias tiveram de usar deste artifício, já que no mundo de então somente os escritos dos homens letrados prevaleciam. (ZOLIN, 2003a).

Para Showalter apud Zolin (2003a) há três fases importantes na história do feminismo literário: a *fase feminina* (1840-1880), a *fase feminista* (1880-1920) e a *fase fêmea* (1920- hoje). É preciso lembrar que esta classificação em datas é feita com observação na literatura inglesa. No início da escritura feminina, a maior parte das escritoras ainda imitava os moldes masculinos de escrita, retratando em suas obras mulheres bastante estereotipadas, submissas e frágeis, dependentes das figuras masculinas. Muitas obras refletiam estas personagens tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, tanto economicamente como também psicologicamente do homem, assim sendo reduplicado o estereotipo patriarcal. Muitas vezes, a própria personagem aceitava sua condição de inferioridade, tendo de ser punida pelos "pecados" cometidos devido sua fraqueza de mulher, como é o caso clássico de *Lucíola*, na obra homônima de José de Alencar. Este tipo de produção literária pode ser considerado como exemplo da fase feminina. Segundo Zolin: "Nesse típico romance da fase feminina, tudo é construído de acordo com a mais estrita ideologia patriarcal, em que a mulher não tem voz, a maior arma de que se dispõe para atingir seus objetivos é o pranto" (2003, p. 165a).

Era freqüente a representação da mulher a partir de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, usando de seu corpo como "arma" contra o homem, sendo assim perigosa e imoral, ou mesmo uma megera. Paralelamente, há também a representação da mulher como um ser indefeso e incapaz, ou um anjo capaz de se sacrificar por todos. (BONNICI, 2007). Na literatura brasileira são muitas as obras que retratam a mulher segundo esses estereótipos. A mesma Lucíola, acima citada, passa de "sedutora" a "anjo", causando aversão, inicialmente e comiseração ao fim, quando morre, sacrificando-se.

Nesta primeira onda, temos autoras que começam a fugir da estereotipação da personagem feminina, retratando personagens que começam a buscar ou lutar por seus valores diante da sociedade patriarcal. Neste sentido, temos já obras que são classificadas na chamada *Fase feminista*. São obras nas quais as escritoras começaram a retratar personagens femininas que reagem contra os padrões masculinos, onde foi trabalhado o protesto contra os valores e os padrões vigentes; e a defesa dos direitos e dos valores das minorias. Virginia Woolf, grande escritora e ensaísta inglesa desse momento (1882-1941), através de seus romances vai romper com a ficção da era vitoriana, além de uma série de ensaios sobre a escrita da mulher e por isso foi considerada uma importante precursora da critica feminista, impulsionando um novo olhar em relação ao tema "mulher e literatura" que até então era marcado por preconceitos e discriminação. (ZOLIN, 2003a). Em um de seus principais ensaios *A Room of One's Own*, publicado em 1929, traduzido para o português como *Um teto todo seu*, Virginia Woolf aborda o modo como as circunstâncias atuam sobre o trabalho da mulher escritora e questões relativas à sua sujeição intelectual. A idéia desse ensaio gira em torno da tese de que para escrever ficção ou poesia de qualidade a mulher necessita de "um teto todo seu" em que possa trabalhar em paz e de uma renda anual capaz de lhe garantir independências. Seus romances também se classificam dentro desta *fase feminista*, como é o caso de "Mrs. Dalloway" (1925), em que a protagonista não enquadra-se no papel de esposa e dona de casa, mais preocupada consigo mesma e com suas memórias de um passado amoroso distante do que com a recepção da festa que organiza.

A segunda onda feminista começa pela publicação, em 1949, de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em que ela analisa certos fatores (biológicos, socioeconômicos, psicológicos), que foram usados para que o homem se tornasse o ser e a mulher o outro, enfocando, assim, a questão do feminismo existencialista com grande importância para as questões vivenciadas no momento pelas mulheres em busca de seus direitos, oferecendo um estudo da opressão da mulher e de outro sugere formas de emancipá-las dessa opressão: "Partindo do pressuposto que o sujeito humano deve ser livre, Beauvoir (1980), questiona as razões que levam a mulher submeter-se à opressão''. (ZOLIN, 2003a, p.168).

Em "O segundo sexo", Beauvoir vai retratar a situação da mulher na sociedade encarando a relação entre os sexos, discutindo o fato de que a mulher dessa época era

vista como escrava, ou seja "o outro" e o homem sempre como senhor. Vai a fundo na problemática feminina, declarando que a essência feminina consiste na marginalidade da mulher; ou seja, a situação da mulher dá-se pelo fato da mesma dar à luz, o que é tomado como a matriz das diferenças entre os sexos, pois isto a impossibilita de ir a caça e de dedicar-se a trabalhos pesados em razão das limitações físicas e dos cuidados com o bebê, o que eleva o homem a uma posição de superioridade em relação a mulher.

Ainda na Segunda Onda podemos ver outra autora de grande destaque, no feminismo político, Kate Millet, como já vimos, que teorizou sobre a mulher de forma a mostrar uma aguçada consciência política, trazendo à tona discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias, relegadas à marginalidade quando comparadas aos autores e críticos do sexo masculino. Segundo Zolin (2003a) Millet

> [...] vai discutir também as causas da opressão feminina a partir do conceito de patriarcado, ou seja a lei do pai, em que se considera que a figura feminina é subordinada ao masculino, sendo tratada como um ser inferior e submetida ao não avanço democrático uma vez que só o sexo masculino pode exercer os papeis de poder civil e domestica de modo a submeter a mulher, que, a despeito dos avanços democráticos, tem continuado a ser dominada, desde muito cedo, por um sistema rígido de papéis sociais". (p.169)

Esta segunda onda marca também a terceira fase do feminismo literário, *fase fêmea*, marcada pela autodescoberta e pela busca da identidade própria. Inicia-se ainda na década de 1920, e estende-se até os dias atuais. Essa fase vai também vislumbrar a representação de uma nova imagem feminina, livre do peso da tradição patriarcal. Como exemplificador desta fase, temos o romance norte americano *A cor púrpura*, de Alice Walker, que retrata uma protagonista que busca sua própria identidade como mulher negra, não apenas os papéis que cumprira até então, de filha, esposa e mãe. Neste sentido, percebe-se claramente a evolução da personagem que, durante a narrativa, descobre o prazer sexual em relações homossexuais e aceita-se como lésbica, mesmo sob o jugo de uma sociedade machista a sua volta.

Nesta fase, já na década de 1980, temos a contribuição da norte americana Elaine Showalter, que propõe dois tipos de análise feminista: *a crítica feminista*, que analisa a mulher como leitora e dos estereótipos criados sobre a mulher; e a *ginocrítica*, que, segundo Zolin: "[...] se dedica a mulheres como escritoras, constituindo-se num

discurso crítico especializado na mulher, alicerçado em modelos teóricos desenvolvidos a partir de sua experiência, conhecida por meio do estudo de obras de sua autoria" (2003a, p. 172). As contribuições de Showalter levaram a crítica feminista norte-americana a, junto com tendências das críticas francesa e inglesa, debater sobre aspectos mais amplos da escritura feminista, como as noções de gênero e raça, as práticas culturais femininas, as noções de autoria, a discussão do cânone fora da ideologia patriarcal, dentre outros aspectos.

São posicionamentos críticos como esses que tem impulsionado a crítica literária feminista contemporânea a trabalhar no sentido de desmascarar os princípios que têm fundamentado o cânone literário, seus pressupostos ideológicos, seus códigos estéticos e retóricos, tão marcados por preconceitos de cor, de raça, de classe social e de sexo, para, então desestabilizá-lo, reconstruí-lo.

Busca-se, então, a análise de personagens femininas e de sua evolução, verificando sua retratação como seres subjugados ou não, aceitando passivamente esta condição de inferioridade ou não. Neste sentido, temos a definição da mulher como sujeito ou como objeto, ativa ou passiva, respectivamente. Segundo Zolin (2003a, p.163). "A mulher–sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz". A literatura reflete muito bem estes dois tipos de personagens femininos e sobre este aspecto, temos a voz de Beauvoir, que diz que: "As mulheres, não se colocando como sujeito, não criaram um mito viril em que se refletissem seus projetos; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham" (1980, p. 182).

Vejamos agora como são retratadas as personagens femininas Daisy, Myrtle e Jordan do romance *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald (1925), cujo título refere-se a um herói, porém, nossa análise centra-se nas personagens consideradas secundárias na obra.

3. As personagens femininas em "O Grande Gatsby"

3.1 O autor e sua obra

Francis Scott Fitzgerald nasceu em 1896 e na juventude alistou-se no exército norte americano. Apaixonado por Zelda Sayre, foi repudiado por ela por ser pobre e, por isso, decidiu enriquecer. Iniciou sua carreira literária com “Este lado do paraíso” (1920) e com o sucesso deste romance, pôde casar-se com Zelda. O casal teve uma vida de extravagâncias, em constantes festas luxuosas e viagens à Europa. Para manter este estilo de vida, Fitzgerald começou a escrever contos para vender para revistas e roteiros de peças de teatro. (HIGH, 2002).

O maior sucesso do romancista é, sem dúvida, “O grande Gatsby” (1925), considerado por muitos críticos literários como o grande romance americano. Neste romance, como em outros, há a temática do dinheiro, do poder, da “geração perdida” norte americana, das contravenções ao puritanismo da América. Fitzgerald tornou-se alcóolatra e faleceu em 1940 e Zelda teve problemas psiquiátricos e passou parte da vida internada em manicômios.

O romance “O Grande Gatsby” narra a história de Jay Gatsby, homem muito rico que mora em Nova York. Quem narra a história é Nick, seu vizinho, que o conhece ao ser convidado para uma de suas luxuosas festas. Ao conhecer melhor Jay Gatsby, Nick fica sabendo que sua fortuna provém de enriquecimento ilícito através do contrabando de bebida e que Gatsby ainda amava Daisy, prima de Nick, a quem namorara na juventude. Daisy o deixara, pois Gatsby era pobre então e se casara com Tom, ex-jogador de futebol e muito rico. Mas ao reencontrar Gatsby ela fica deslumbrada com tamanha fortuna e com o amor que ele ainda lhe dedicava e começa a ter um caso com seu antigo amor. Ela não se importa que o marido saiba, deixando o caso bem claro para Tom, que também vive sua aventura de amor com Myrtle, esposa de um mecânico chamado Wilson. Gatsby começa a visitar a casa de Daisy e certa tarde depois de um almoço na casa de Tom e Daisy surge uma idéia de irem a um passeio em Nova York, juntamente com Nick e Jordan, amiga do casal com quem ele tem um namoro. Neste passeio já no hotel surge uma discussão em que Gatsby pressiona Daisy a declarar que sempre o amou mesmo estando casada.

Enquanto isso, Tom o acusa de ser um contrabandista. Diante de toda a discussão Daisy fica muito nervosa e sai correndo deixando todos sem resposta. Gatsby corre atrás dela e ela decide ir com ele, em seu carro amarelo, de volta para casa. Ela dirige em alta velocidade e nesse instante, passando pela garagem do mecânico Wilson, ela atropela Myrtle, que, estando em uma discussão com seu esposo, corre em direção

ao carro pensando ser Tom e se joga na frente do carro pedindo para parar, mas morre atropelada. Wilson, seu esposo, fica desesperado, e mais tarde Tom o procura e diz que o carro que atropelou Myrtle era de Gatsby. Daisy deixa Gatsby assumir o crime cometido por ela, abandona o amante e viaja com Tom para Europa. Wilson vai atrás de Gatsby e dispara uma arma de fogo contra o mesmo e depois se suicida. Jordan deixa Nick e este é o único a se importar com Gatsby, providenciando seu enterro.

3.2 Análise das personagens femininas

O romance centra-se na história de Jay Gatsby, porém, vemos a importância das personagens femininas na obra, principalmente na figura de Daisy, por quem este protagonista sofreu, lutou, enriqueceu e morreu. É preciso ainda lembrar que a história se passa em meados da década de 20, época de grande crescimento econômico para os ricos e classe média nos EUA pós-primeira Guerra mundial, em que havia gastos excessivos de dinheiro com mansões luxuosas e festas extravagantes oferecidas para a sociedade e outros convidados que freqüentavam assiduamente as festas ao som do *jazz* e muita dança. (KARNAL et al., 2010). O álcool era indispensável, sendo que a história acontece durante a proibição do comércio ilegal de bebidas. E Gatsby, na história, tem o papel de contrabandista de bebidas e mente que herdou a sua fortuna de seus pais.

Daisy, amada por Gatsby, teve com ele um romance na juventude. Ele era um jovem soldado, sem dinheiro, nome ou posição social, mas Daisy parecia amá-lo. Porém, Daisy casa-se com Tom, pois ele era rico e tinha um nome conhecido, enquanto de Gatsby Daisy não podia esperar fortuna ou fama. No dia do casamento com Tom, Daisy demonstra ainda amar Gatsby, como notamos na fala de Jordan, sua amiga:

> [...] começou a chorar - chorou e chorou. Corri para fora do quarto e encontrei a arrumadeira de quarto de sua mãe, trancamos a porta e a colocamos num banho frio. Ela não largava a carta de modo algum. Levou-a até a banheira consigo e amassou-a até se tornar uma bola molhada e só me deixou colocá-la na saboneteira quando viu que estava se desfazendo como flocos de neve. (FITZGERALD, 2007, p. 95.)

O trecho acima mostra-nos parte do caráter de Daisy. Ela não parece insensível à perda de seu amor, segurando sua carta e chorando, mas prefere perdê-lo a esperar por ele e fazer um casamento pouco vantajoso. Assim, notamos que Daisy, desde jovem,

demonstra apreciar os bens materiais, e percebe que o meio de conquistá-los seria através do casamento. Nossa personagem não é uma mulher à frente de seu tempo, por que ela não luta com seus próprios meios para obter o que desejava, mas espera que um marido rico consiga tudo para si.

Adiante no tempo, quando Daisy reencontra Gatsby já rico, ela fica encantada com tudo o que ele tem, e ambos começam a ter um caso de amor, pois ela gosta da maneira como ele a atrai com seus bens materiais. É o que notamos no trecho abaixo:

> Tirou uma pilha de camisas e começou a arremessá-las uma a uma diante de nós, camisas de puro linho, de seda espessa e de fina flanela, que perdiam suas rugas ao cair e cobriam a mesa numa desordem multicolorida. Enquanto as admirávamos, ele pegou mais algumas e o monte macio e rico cresceram – camisas com listras, com arabescos, axadrezadas em coral e maçã, verde e lavanda e laranja – claro com monogramas em azul-da-índia. Subitamente, com um som constrangido, Daisy inclinou a cabeça sobre as camisas e começou a chorar convulsivamente. (FITZGERALD, 2007, p. 11.)

Podemos ver como Daisy fica fascinada ao ver toda a riqueza de Gatsby, pois ao ver tantas camisas fica tão emocionada que até mesmo chora. Neste momento, nota-se o grande deslumbramento de Daisy pela riqueza de Gatsby e por isso há o envolvimento amoroso novamente. Daisy, ao que parece, não é uma mulher que consegue obter seu sustento sozinha e a riqueza a atrai. Ao iniciar seu caso com Gatsby, ela não se importa mais que o marido saiba, como vemos:

> [...] “Sr. Gatsby!” Estendeu a mão grande com antipatia bem deslumbrada. “Estou contente em vê-lo, senhor...Nick...”
> [...] “prepare uma bebida gelada para nós”, exclamou Daisy.
> Quando ele deixou a sala se levantou e foi até Gatsby, agarrou seu rosto e beijou na boca.
> “Sabe que eu amo você”, murmurou. (FITZGERALD, 2007, p 134.)

Daisy deixava claro que tinha um caso com Gatisby, e não se importava com Tom, talvez pelo fato dele ser infiel a ela também. Mostra-nos, de certa forma, a imagem de uma mulher vingativa, pois se expõe na frente de seus amigos e criados. De certa forma, neste momento Daisy não mostra submissão ao marido, pois que o desafia, demonstrando quase que claramente seu caso amoroso. Aqui, a personagem mostra-se como um sujeito, pois assume suas atitudes e não demonstra ter medo delas. Porém, logo a seguir, já no hotel em Nova York, hesita em assumir este caso na frente do marido, como se nota:

> [...] “nada importa mais. Simplesmente diga a verdade a ele... que nunca o amou... e que está acabado para sempre.”
> “nunca amei”, disse ela com visível relutância.
> “nem em Kapiolani?”, perguntou Tom bruscamente.
> “Não”. (FITZGERALD, 2007, p 150.)

Vemos que Daisy hesita diante de uma situação que a pressiona. Dizer ao marido que nunca o amara implicava no divórcio para unir-se a Gatsby, mas parece que não há a coragem para um passo tão grande, que poderia rebaixá-la socialmente. É o que comprova o trecho abaixo:

> Ela olhou para ele cegamente. “Ora... como é que eu poderia amá-lo?”
> “você nunca o amou”. Ela hesitou. Seus olhos caíram sobre mim e Jordan com uma espécie de apelo, como se percebesse finalmente o que estava fazendo – e como se nunca tencionasse, o tempo todo, fazer qualquer coisa. Mas agora estava feito.
> Era tarde demais. (FITZGERALD, 2007, p. 150)

Quando é confrontada, Daisy não é capaz de deixar de lado a riqueza e viver seu grande amor. A atitude de Daisy mais uma vez vai refletir a imagem de uma mulher fraca que, apesar de amar Gatsby, como declarara anteriormente, não ousou assumir este amor, deixando escapar a oportunidade de reconstruir sua vida. Ela tem medo de encarar os desafios de ser independente, medo de perder a segurança do bem estar material oferecido pela figura masculina representada por Tom, seu esposo, que, além de rico, tinha uma fortuna legal, diferentemente de Gatsby, que possuía negócios ilícitos. Ela retrocedeu, voltando atrás, agarrando-se ao conforto oferecido pelo casamento, deixando para trás seu grande amor.

Além disso, Daisy se mostra também como uma mulher de caráter duvidoso, pois deixa Gatsby assumir a culpa pelo atropelamento de Myrtle.

> “Daisy estava dirigindo?”
> “Sim”, disse depois de um momento. “Mas naturalmente vou declarar que era eu que dirigia. Sabe quando deixamos Nova York ela achou que estava muito nervosa e achou que se acalmaria dirigindo...”
> “...Telefonei para Daisy meia hora depois que o encontramos, chamei-a instintivamente e sem hesitação. Mas ela e Tom haviam partido no começo da tarde, levando bagagem.
> “não deixaram endereço?”.
> “não.” (FITZGERALD, 2007, P, 181)

Daisy é egoísta e preocupa-se apenas consigo mesma. O fato de ter "amado" Gatsby tão pouco antes não parece afetá-la, já que seu casamento estava restabelecido novamente. Mais uma vez, vemos uma personagem que precisa da figura masculina para sua felicidade e com Tom, o esposo, ela seria mais completa, pois não haveria o perigo de escândalos envolvendo o contrabando de bebidas. O trecho abaixo mostra, novamente o caráter desta personagem:

> Tentei pensar em Gatsby então por um momento, mas ele já estava muito distante e eu só podia lembrar, sem ressentimento, que Daisy não havia mandado uma mensagem ou uma flor. Ouvi vagamente alguém murmurar "Abençoados sejam os mortos sobre os quais a chuva cai" e então o homem de olhos de coruja disse "amém" numa voz firme". (FITZGERALD, 2007, p. 192)

Assim, vemos que Daisy, embora mostre-se como sujeito ao desafiar o marido e ter um caso extraconjugal com quem parecia ser seu grande amor, constitui-se, na maior parte das vezes, como uma mulher submissa a um padrão social, submissa ao status social proporcionado pelo casamento com Tom.

Outra importante personagem na obra é Myrtle, amante de Tom, retratada na obra como uma mulher extravagante, sedutora, perigosa, imoral, enganadora, que não media esforços para estar ao lado de seu amante Tom. Ela é esposa de um mecânico pobre que fazia negócios com Tom, era considerada pela sociedade uma mulher sem escrúpulos ou moral algum por trair seu esposo.

> [...] tinha uns 35 anos, era ligeiramente gorda, mas ostentava suas carnes em excesso como poucas mulheres sabem fazer. Seu rosto, sobre um vestido azul sarapintado de crepe-da-china, não continha nenhuma faceta ou lustre de beleza, mas possuía uma vitalidade imediatamente perceptível, como se fosse um fantasma. Apertou a mão de Tom, encarando-o fixamente, olhos nos olhos. Passou então a língua pelos lábios e sem se virar falou ao marido numa voz suave e rouca: "Porque você não traz as cadeiras para que a gente possa se sentar?" (FITZGERALD, 2007, p.45).

Myrtle, como vemos acima, não é uma mulher de extrema beleza, mas ela era sedutora, vista como objeto de desejo dos homens. Temos, aqui, a retratação de uma personagem feminina estereotipada. Myrtle é a amante, imoral, indecente, que se exibe ao amante na frente do próprio marido. Mas, mesmo sendo tão provocante, ela também é submissa, Não ao marido, a quem desafia, mas ao amante, Tom:

> [...] “Quero me encontrar com você” disse Tom com insistência.
> “Pegue o próximo trem.” (FITZGERALD, 2007, p. 45).

Diante do marido, Myrtle mostra-se como sujeito, pois, sendo infeliz no casamento, ela arranja um amante e foge do esposo, a quem xinga e sempre agride verbalmente. Mas, diante do amante Tom, Myrtle é um objeto. Ele ordena que pegue o próximo trem e é o que ela faz, quase que imediatamente. Mostra-se enganadora, pois diz ao marido estar indo visitar sua irmã em Nova York. Ele acredita em sua esposa e a deixa ir. Ela se submete ao desejo do amante, está à sua disposição:

> [...] a sra. Wilson havia trocado a roupa um pouco antes e envergava um elaborado vestido de tarde, creme em gaze de seda, que provocava um farfalhar continuo quando ela se deslocava pela sala. Com a influência do vestido, sua personalidade também sofrera uma mudança. A intensa vitalidade, tão notável na oficina, agora se convertera numa arrogância impressionante. (FITZGERALD, 2007, p.50)

Ao lado de Tom, no apartamento que ele locara na cidade para seus encontros, ela vai desfrutar de tudo o que gosta, pois ele lhe oferece presentes, roupas, jóias, e ela se deslumbra pelo dinheiro do amante, que o marido nunca possuíra. Assim como Daisy, Myrtle não é uma mulher independente, pois precisa do dinheiro alheio para ser feliz. Além disso, submete-se a tudo o que o amante faz para conseguir os benefícios de seu dinheiro, como notamos:

> [...] Tom Buchanan e a sra. Wilson estavam cara a cara discutindo em altos brados se a sra. Wilson tinha o direito de mencionar o nome de Daisy.
> “Daisy! Daisy! Daisy!”, gritou a senhora Wilson. Tom Buchanan quebrou o nariz dela com um tapa. (FITZGERALD,2007, p. 57)

Myrtle, ao tentar ser uma mulher sujeito e desafiar Tom gritando o nome de sua esposa contra a vontade deste, recebe um tapa no rosto que lhe quebra o nariz. Mesmo assim, após tal fato que nos parece chocante (uma agressão física), ela o perdoa e o abraça, pois perder um amante rico era algo impensável para a pobre esposa de um mecânico. Myrtle é caracterizada como a amante, mulher imoral e sedutora, que, diante do marido age como sujeito, reclamando por não ter a riqueza que merecia por ele ser um marido pobre.

> “Pode me surrar!”, ouviu-a gritar. “Me derrube e bata em mim, seu covarde sujo!” (FITZGERALD, 2007, p, 155).

Mas, embora seja uma mulher sujeito por não conformar-se com a pobreza, é também objeto, ao mesmo tempo, pois espera que o dinheiro seja provido por um homem, e não por seu próprio esforço. Ao fim da narrativa, Myrtle morre vítima de seu próprio ciúme, pois joga-se na direção do carro de Tom, tentando expor seu caso amoroso à esposa dele, Daisy.

Notamos certa semelhança entre estas duas personagens, Daisy e Myrtle, pois ambas precisam do afeto e do dinheiro de um homem para conseguir a felicidade. Diferente delas é a personagem Jordan, amiga de Daisy, golfista profissional. Jordan é retratada na obra como uma personagem menos romântica e também menos estereotipada. Ela é mais liberal e independente, não teme os desafios que a vida lhe impõe, mesmo que para isso ela precise ter atitudes inescrupulosas, como é o caso abaixo, quando ela troca a bola de posição na rodada final para ganhar o jogo.

> [...] Em seu primeiro grande torneio de golfe houve uma confusão que quase chegou aos jornais – uma insinuação de que ela trocara a bola de uma posição ingrata na rodada semifinal. (FITZGERALD, 2007, p77)

Jordan é um jogadora de golfe conhecida e reprova as atitudes de Daisy, pois nota que a amiga é dependente, emocionalmente, de um homem. Jordan age diferentemente e não se importa muito com as opiniões de Nick, com quem tem um breve romance, como vemos abaixo:

> “Você é péssima motorista”, protestei. “devia ser mais cuidadosa ou então não devia se quer dirigir”.
> “Sou cuidadosa.”
> “Não, você não é.”
> “Bem, outras pessoas são”, disse ela levianamente. (FITZGERALD, 2007, P, 78)

Jordan dirigia mal, mas não se importava com os riscos de atropelar pessoas ou com as críticas que recebia do namorado. Ela tem as características típicas da mulher moderna a seu tempo, que ia em busca do que queria e não se prendia a um homem. Isto fica mais evidente quando ela termina o relacionamento com Nick:

> “Detesto pessoas descuidadas. É por isso que gosto de você.”

> Seus olhos cinzentos ofuscados pelo sol olharam para frente, mas ela havia deliberadamente mudado nossas relações e, por um momento achei que a amava. (FITZGERALD, 2007, P, 78)

Percebemos que Nick estava apaixonado, porém Jordan coloca sua carreira em primeiro lugar e não se importa com o fim do namoro. É uma personagem muito diferente de Myrtle e Daisy, pois ela age sempre como sujeito, pensando na busca de seus objetivos sem precisar sujeitar-se a um relacionamento afetivo e/ou financeiro para tanto.

Conclusões

É preciso lembrar que a obra aqui analisada tem autoria masculina e data de 1925. Embora cronologicamente pudéssemos classificá-la como parte da chamada fase fêmea, em que as personagens são descritas em busca de sua auto descoberta, sabemos que a teoria literária não pode ser simplesmente "enquadrada" em datas sempre e, por isso, notamos que esta obra ainda retrata personagens femininas um tanto quanto estereotipadas (não tanto quanto já havia sido).

Por isso, embora date de fins dos anos 20, podemos entender que esta obra se aproxima mais dos padrões estéticos da chamada fase feminista, pois que as personagens, mesmo ainda apresentando características de submissão, já não são estereotipadas apenas como esposas, donas de casa ou megeras, mas são mulheres que buscam, de algum modo, a própria felicidade. Muitas vezes, esta felicidade se relaciona ao dinheiro ou ao afeto masculino (Daisy e Myrtle), porém há o rompimento com os padrões e as regras da sociedade para atingir estes intentos (como o caso extraconjugal, por exemplo). Além disso, notamos também em Jordan a retratação de uma mulher um pouco à frente de seu tempo, pois ela busca sua felicidade/objetivos sem que para isso precise estar envolvida amorosamente. Sua carreira como golfista parece satisfazê-la e ela não se sacrifica ou muda sua vida por causa de Nick, com quem tem um breve romance, mas que abandona ao fim da narrativa.

Assim, concluímos que as personagens deste romance Daisy e Myrtle são parecidas, pois ambas eram dependentes de um homem para atingir seus objetivos, elas gostam do conforto, do luxo, são apegadas aos bens materiais que os homens lhes podem oferecer. Assim sendo, podemos considerá-las mais como objetos do que

sujeitos, porque elas são submissas quando encontram um homem capaz de lhes proporcionar o dinheiro e o amor que precisam, incapazes de tomar decisões," deixando outros decidirem por si. Já Jordan é uma mulher mais sujeito que objeto, por ela mostra-se independente, busca seus próprios ideais, luta pelo que quer sem esperar de homens e não se apega ao relacionamento amoroso, é decidida, insubordinada, buscando dominar e não aceita imposições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

FITZGERALD, F. Scott. **O grande Gatsby**. Trad. Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

HIGH, Peter. **An outline of American literature**. New York: Longman, 2002.

KARNAL, Leandro, et. al. Décadas da Discordância: 1920-1940. In: **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MICHEL, André. **O feminismo**: uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá Eduem, 2003ª. p - 161-183.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b. p - 253-261.